[Títulos]
Eurodeputados aprovam três resoluções sobre o futuro da Europa

Na Áustria, declarações do chanceler colocam em causa princípio da livre circulação na União Europeia

A corrida eleitoral na Alemanha está agora renhida, depois de Martin Schulz ter disparado nas últimas sondagens
[Fim dos títulos]

Bem-vindos ao Magazine Europa,

O Parlamento Europeu aprovou três resoluções sobre o futuro da Europa. Os textos sugerem uma série de reformas que, segundo um comunicado do órgão legislativo, visam dar resposta à necessidade de reforçar a capacidade de agir da União Europeia, restaurar a confiança dos cidadãos e aumentar a resistência da zona euro.

O jornalista Rui Cid, da Rádio Macau, dá-nos conta de algumas das propostas apresentadas:

RM – Rui Cid:
"A primeira resolução, aprovada com 329 votos a favor, 223 contra e 83 abstenções, propõe que o Conselho de Ministros se transforme numa 'genuína segunda câmara legislativa'. O documento propõe também que cada Estado membro apresente pelo menos três candidatos – homens e mulheres – à posição de Comissário. A resolução defende ainda a implementação de um Conselho Permanente de Ministros da Defesa, para coordenar as políticas de defesa dos países que integram a União Europeia.

A segunda resolução sugere diversas reformas no Tratado de Lisboa. O texto defende a criação da figura do Ministro das Finanças da União Europeia, bem como poderes para a Comissão Europeia formular e lançar uma política económica comum, apoiada por um orçamento da Zona Euro. Outra das propostas constantes desta resolução vai no sentido de reduzir o número do colégio de comissários europeus. O documento também reitera a convicção de que se deve permitir aos cidadãos europeus de cada Estado membro votar directamente nos líderes dos partidos políticos candidatos a Presidente da Comissão. A resolução foi aprovada com 283 votos a favor, 269 contra e 83 abstenções.

A terceira resolução defende uma aproximação das economias da Zona Euro, propondo uma estratégia de convergência, financiada por um orçamento específico para o conjunto dos países da moeda única. Entre as propostas

apresentadas estão a aposta na capacidade fiscal bem como a criação de um Fundo Monetário Europeu. O documento, que mereceu 304 votos a favor, 255 contra e 68 abstenções, propõe também um reforço do papel do Parlamento Europeu e dos parlamentos nacionais."

++++++++++++++++++++++++

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional sedeado na capital belga.

Olá, Victor, que visão comum, se é que podemos dizer assim, reflectem estas três resoluções aprovadas pelo Parlamento Europeu?

RM – Victor Ângelo:
"Há uma parte importante dos deputados europeus que está preocupada com o futuro da Europa, nomeadamente com o funcionamento das instituições europeias e a maneira como essas instituições são vistas pelos cidadãos. Por isso, nestas últimas semanas tem havido a preocupação de sugerir melhorias e reformas na maneira como o Parlamento funciona, também no que diz respeito ao papel do Conselho Europeu e ainda em relação à função que a Comissão Europeia deveria desempenhar. Essas resoluções vão nesse sentido, vão fundamentalmente no sentido de se ter um Conselho Europeu que não se meta em pormenores, [no sentido] de evitar que os Chefes de Estado e de Governo passem as reuniões a decidir sobre pequenas coisas. Por outro lado, [vão no sentido de] reforçar o papel executivo da Comissão Europeia – a Comissão deve ser quem leva à prática as orientações dadas pelo Conselho Europeu –, e também ter um Parlamento que funcione melhor em termos de controlo e de propostas para a melhoria das instituições e do funcionamento de toda a Europa. Além disso, há uma outra preocupação que é a preocupação da reforma fiscal, da reforma do mercado de trabalho e também outras questões relacionadas, por exemplo, com a justiça social e o ambiente – estas [últimas] são as grandes questões que, neste momento, estão na agenda do Parlamento Europeu. O combate ao populismo é também uma grande preocupação e justifica, em certa medida, o aparecimento destas resoluções aprovadas pelo Parlamento Europeu."

Olhando para estas resoluções, há condições políticas na União Europeia para se aprofundar estas ideias?

RM – Victor Ângelo:
"Os Estados membros e o próprio Parlamento Europeu estão muito divididos. Aliás, estas resoluções não foram aprovadas por grandes maiorias – foram aprovadas, evidentemente, mas também houve muita oposição. É preciso discutir o futuro da Europa e este é talvez o ano ideal para o fazer, 60 anos após o Tratado de Roma. Eu penso que o futuro da Europa passa por uma série de grandes linhas que há que ter em conta. Por um lado, o que é que significa ser europeu, definir uma identidade comum para os cidadãos das diferentes nações que constituem a Europa. Por outro lado, há questões de ordem política: há que fazer com que as eleições, e nomeadamente as eleições para o Parlamento Europeu e as eleições para Presidente da Comissão Europeia, ganhem um carácter mais popular e façam participar todos os cidadãos europeus em listas que sejam internacionais. Há também que criar esperança e confiança no futuro da União Europeia. Também é importante promover debates entre os parlamentos nacionais e o Parlamento Europeu, porque, na realidade, aquilo a que assistimos, neste momento, é que há uma grande separação, um grande fosso, entre o que se passa em Bruxelas ou em Estrasburgo – ao nível do Parlamento Europeu – e, por outro lado, aquilo que se discute nos parlamentos em Lisboa ou em Madrid ou em Varsóvia."

Apesar do populismo e do eurocepticismo a que assistimos, o Eurobarómetro avança dados recolhidos em Novembro que indicam que a imagem negativa dos europeus em relação à União Europeia perdeu alguma força...

RM – Victor Ângelo:
"A imagem das instituições europeias ainda é relativamente positiva, sobretudo numa altura em que a imagem dos políticos nacionais e das instituições nacionais é muito negativa. Os cidadãos de cada Estado têm, em geral, uma opinião muito pouco favorável quando se trata dos seus próprios políticos, dos seus próprios parlamentares. Todas as sondagens dos diferentes países europeus mostram que as pessoas consideram os políticos pessoas muito pouco sérias, colocam os políticos no final da lista de credibilidade. Em relação às instituições europeias há, apesar de tudo, uma atitude mais positiva. Mas não é suficiente. É preciso continuar a investir nesse sentido e, sobretudo, é preciso aproximar as instituições europeias dos cidadãos. Os cidadãos aqui em Bruxelas, que vivem um quilómetro ou dois para além do distrito europeu, pouco ou nada sabem do que se passa nessas instituições. E se já existe esse distanciamento aqui em Bruxelas, imaginar-se-á o que é que isso significa em termos de distanciamento entre as instituições europeias baseadas em

Bruxelas e o cidadão que está no Porto ou em Cracóvia ou em qualquer outra parte da União Europeia."

Christian Kern, o chanceler austríaco, defendeu na semana passada que os empregadores do país devem dar prioridade aos locais. É o que nos conta o jornalista da Rádio Macau, Pedro Galinha:

RM – Pedro Galinha:
"Christian Kern acusou os países da Europa de leste de estarem a 'exportar desempregados para a Áustria'.
O chanceler defendeu que os empregadores austríacos devem dar prioridade à contratação de compatriotas. Christian Kern considera que só se não existir ninguém no país disponível para desempenhar as funções pretendidas é que esse emprego deve ser concedido a recém-chegados, sem restrições.
A legislação da União Europeia estipula que qualquer cidadão de um país do bloco deve ser tratado em pé de igualdade com os de outros Estados membros.
O número de imigrantes na Áustria tem vindo a aumentar ao longo dos últimos anos.
O Governo austríaco planeia cortar para cerca de metade o limite máximo de candidatos a asilo no país – uma medida apoiada por Christian Kern. O actual tecto, introduzido em Janeiro do ano passado, é de 35.000 pessoas por ano. Em 2016, esse número não chegou a ser atingido."
++++++++++++++++++++++++++++++++++

Victor, a concretizar-se a medida defendida por Christian Kern, isso permitiria aos empregadores austríacos discriminar candidatos a um emprego com base na nacionalidade.... Tratar-se-ia de um atentado ao princípio de liberdade de circulação dos cidadãos da União Europeia...

RM – Victor Ângelo:
"Aqui em Bruxelas diz-se que o chanceler já deu o dito por não dito. Já percebeu que não pode, de modo algum, impor restrições aos cidadãos estrangeiros que estão a trabalhar na Áustria. A Áustria é um país que funciona bem, é um país com uma economia relativamente próspera. É, aliás, um dos países mais prósperos da União Europeia, tem uma balança comercial positiva, tem uma dívida pública relativamente baixa e tem, sobretudo, uma taxa de desemprego que faria inveja a muitos outros países europeus – é uma taxa de desemprego muito abaixo dos 6 por cento. Estamos perante um país que, do ponto de vista económico, do ponto de vista das finanças públicas, está numa situação saudável, mas que tem uma opinião pública que tem segmentos muito conservadores. E essa opinião pública muito conservadora poderá votar contra o

partido do Primeiro-Ministro, que é o Partido Social-Democrata, e foi por isso que ele fez as declarações que fez em relação aos estrangeiros. Eu penso que foi um erro da parte dele. Tentou ser populista, tentou pescar nas águas da extrema direita com afirmações que são próprias da extrema direita, mas esse tipo de comportamento político dos partidos sociais-democratas ou dos partidos do centro acaba sempre por não dar resultado. O que é fundamental é explicar a situação que existe, mostrar que a economia está a funcionar – que é o caso da Áustria – e tentar fazer com que as pessoas percebam que, nas circunstâncias de hoje na Europa, a presença de trabalhadores estrangeiros não é necessariamente um mal, antes pelo contrário, eles vêm fazer coisas e vêm permitir que a economia e o sistema social se tornem sustentáveis."

Não é portanto de esperar que esta medida avance na Áustria...

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que não vai avançar. Penso que a promessa eleitoral que ele tinha feito de que haveria restrições em relação ao emprego de estrangeiros não vai ser aplicada legalmente. É provável que uma ou outra empresa procure primeiro um trabalhador austríaco antes de procurar um trabalhador vindo de outro país da União Europeia, mas, em termos legais, isso não irá para a frente...

Se algum país pretendesse accionar uma medida desse género, ela seria facilmente travada pela justiça europeia...

RM – Victor Ângelo:
"Exactamente. Neste momento, penso que esse tipo de propostas políticas é meramente de carácter eleitoral e não visa se não satisfazer, digamos assim, segmentos muito conservadores da opinião pública do país em causa, e pouco mais. Mas, na realidade, em termos práticos, nunca poderia ser aplicada."

Na Alemanha, Martin Schulz, candidato ao cargo de chanceler pelo Partido Social-Democrata, tem disparado nas últimas sondagens. Algumas colocam mesmo o antigo Presidente do Parlamento Europeu à frente de Angela Merkel, dos Democratas-Cristãos, que até há pouco tempo era vista como a favorita.

O jornalista Miguel Brandão, da Rádio Macau, traça-nos o retrato de Martin Schulz, a grande surpresa neste período pré-eleitoral na Alemanha:

RM – Miguel Brandão:
"Martin Schulz nasceu em 1955 no leste da Alemanha.
Desistiu do liceu para perseguir uma carreira no futebol, mas não obteve sucesso.
Sem licenciatura, trabalhou como livreiro e chegou a ser dono de uma livraria entre 1982 e 1994, ano em que se tornou eurodeputado.
Em 2012, foi eleito Presidente do Parlamento Europeu, cargo que desempenhou até este ano. Uma posição que abandonou antes do final do mandato para se dedicar à vida política interna da Alemanha.
Filiado no Partido Social-Democrata da Alemanha desde os anos 70, Martin Schulz desempenhou funções como conselheiro local, e foi também autarca numa aldeia.
Na semana passada, a BBC noticiou que uma comissão do Parlamento Europeu estará a analisar despesas efectuadas por Martin Schulz enquanto Presidente do órgão legislativo.
Até há um mês, Martin Schulz parecia não ter hipóteses contra Angela Merkel, que procura um quarto mandato como chanceler. No entanto, nos últimos dias, surgiram novas sondagens que apontam para uma corrida renhida, em que tudo pode acontecer."
++++++++++++++++++++++++++++++++

Victor, é mesmo assim, tudo pode acontecer? Martin Schulz pode derrotar Angela Merkel nas eleições de 24 de Setembro?

RM – Victor Ângelo:
"Bom, a procissão eleitoral na Alemanha ainda não saiu do adro. E ainda é muito cedo para se perceber o que vai acontecer em Setembro deste ano. Mas a verdade é que Martin Schulz subiu enormemente nas sondagens e o facto de ele aparecer à frente do Partido Social-Democrata alemão permitiu a este partido, que estava numa situação difícil na opinião pública alemã, ganhar intenções de voto. Martin Schulz traz ao Partido Social-Democrata uma renovação que este partido precisava. E, neste momento, a interrogação sobre quem vai ganhar as eleições na Alemanha é uma interrogação totalmente legítima. Ou seja: [...] a chanceler Merkel, à partida tinha todas as condições, [...] toda a gente pensava que ela iria provavelmente ganhar um quarto mandato... Neste momento, as possibilidades de ela ganhar um quarto mandato já não são tão grandes como eram três semanas atrás."

No actual contexto europeu, o que significa este ganho de popularidade para a social-democracia?

RM – Victor Ângelo:

"Martin Schulz é a face visível da social-democracia europeia. E o facto de ele mobilizar uma parte importante da opinião pública alemã é positivo para a social-democracia, é evidente. De repente, as pessoas voltam a acreditar que a social-democracia ainda tem espaço político no contexto europeu e, nomeadamente, num país como a Alemanha. Martin Schulz revigora as posições sociais-democratas, traz esperança, novamente, à família social-democrata. Martin Schulz é uma boa notícia para a União Europeia."

Martin Schulz já foi descrito como sendo "mais Bruxelas que Berlim". Que impacto teria – ou terá – na Europa a eventual eleição de Martin Schulz para a liderança da Alemanha?

RM – Victor Ângelo:
"Quer Martin Schulz quer Angela Merkel são boas notícias em termos do processo de integração europeia, porque ambos são europeístas muito convictos. Serão num e noutro caso notícias diferentes para a Grã-Bretanha. Caso a Sra. Merkel ganhe as eleições, é muito provável que a posição alemã face ao Brexit seja uma posição mais flexível. Se for o Martin Schulz a ganhar as eleições e a ser o próximo chanceler alemão, é muito provável que a Alemanha tenha uma posição muito mais difícil e entre numa posição de negociação muito mais complexa e mais dura em relação à Grã-Bretanha do que Merkel. Para os britânicos, seria preferível manter Merkel no poder a ver Martin Schulz tomar conta do poder em Berlim. Martin Schulz também representa, em certa medida, uma resposta em relação ao extremismo alemão. A subida do Partido Social-Democrata e o facto de que muita gente acredita que Martin Schulz pode ser o próximo chanceler alemão deu, de repente, uma alternativa aos alemães. O surgimento de Martin Schulz em força permite, em certa medida, reduzir as hipóteses de votação nos partidos de extrema direita e, sobretudo, no partido de extrema direita Alternativa para a Alemanha."

A análise de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

Fechamos este programa com a sétima arte, não para falar dos óscares, mas sim dos Césares, os prémios da indústria francesa, entregues na passada sexta-feira, em Paris.

Fatima, de Philippe Faucon, foi distinguido como melhor filme. A película, sobre a integração de imigrantes em França, recebeu ainda o prémio de melhor argumento adaptado, pelo realizador, e o galardão para a melhor esperança feminina, Zita Hanrot.

Até para a semana!

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.